

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ

BRUNA BIENE MARTINS

**ANÁLISE DA INFLUÊNCIA DA MÍDIA
NO COMPORTAMENTO DAS VÍTIMAS DE *BULLYING***

MARINGÁ

2013

BRUNA BIENE MARTINS

**ANÁLISE DA INFLUÊNCIA DA MÍDIA
NO COMPORTAMENTO DAS VÍTIMAS DE *BULLYING***

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC,
apresentado ao Curso de Pedagogia da
Universidade Estadual de Maringá, como
requisito parcial para a obtenção do grau de
licenciado em pedagogia.

Orientação: Profa. Dra. Ivone Pingoello

Coordenação: Profa. Dra. Aline Frollini
Lunardelli Lara

MARINGÁ

2013

BRUNA BIENE MARTINS

**ANÁLISE DA INFLUÊNCIA DA MÍDIA
NO COMPORTAMENTO DAS VÍTIMAS DE *BULLYING***

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Universidade Estadual de
Maringá como requisito parcial para a
obtenção do título de Graduação em
Pedagogia.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dra. Ivone Pingoello (Orientadora)
Universidade Estadual de Maringá

Prof^a. Dra. Ivana Veraldo
Universidade Estadual de Maringá

Prof^a. Ms. Paula Roberta Miranda
Universidade Estadual de Maringá

“Posto que as guerras começam na mente dos homens, as fortificações da paz devem ser construídas na mente humana” (Preâmbulo da Constituição da UNESCO).

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus pelo dom da vida, pois sem ele não seria capaz de chegar até a conclusão deste trabalho de curso, por ter me dado toda a base necessária, e porque até no extremo me amou.

Especialmente à minha mãe Claudinéia Martins, por todo amor, cuidado, dedicação e carinho que teve e continua tendo comigo e, principalmente por ter me guiando pelo caminho certo me apoiando na conclusão do meu sonho.

Com carinho aos meus tios e tias: Reginaldo Martins, Cristiane Martins, Roseli Martins, Lucilene Martins e Eduardo Martins, por se orgulharem e por acreditarem na minha vitória.

Sou grata a professora Ivone Pingoello por ter aceitado ser minha orientadora e por toda dedicação e paciência que tivera na elaboração deste trabalho. E também as professoras Ivana Veraldo e Paula Miranda por fazerem parte da banca examinadora, pela disponibilidade e atenção para examinar este trabalho.

Às minhas colegas de turma, por estarem junto comigo nesta jornada de quatro anos, pelas frustrações e alegrias. Especialmente a minha amiga Loreyne por ser tão próxima e por compartilhar muitas experiências acadêmicas.

Ao meu namorado, por me amar e me aguentar nos momentos estressantes, ouvindo a todo o momento a frase *“preciso fazer meu TCC”*.

Ao grupo de oração Raio de Luz, por me oferecer momentos especiais, de paz, acolhimento e oração.

MARTINS, Bruna Biene. **Análise da influência da mídia no comportamento das vítimas de *bullying***. 2013. 24 f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual de Maringá, 2013.

RESUMO

Essa pesquisa propõe uma compreensão da influência que a mídia pode ter no comportamento da sociedade de acordo com as ideologias e valorização de comportamentos, especificamente no que diz respeito a cenas de violências retratadas em sua programação. Neste contexto, a ênfase de nosso trabalho recai sobre o comportamento de vítimas de *bullying* que podem ter na mídia uma fonte de ideias, estímulos, formas de buscar vingança ou alívio para seu sofrimento e/ou ser reconhecido como herói para as demais vítimas de *bullying*. Essas discussões serão apresentadas a partir de estudos bibliográficos e qualitativos que nos levaram a questionamentos do que de fato ocorre: seria a arte imitando a vida ou a vida imitando a arte? Não há como definir como verdade absoluta um ou outro modo de atuar frente à vida, mas sabemos que algumas pessoas solitárias, vítimas de *bullying*, encontraram a solução trágica para seus problemas em cenas publicadas, enfatizadas e valorizadas pela mídia, na busca do aumento pela audiência.

Palavras-chave: Mídia. *Bullying*. Comportamento.

MARTINS, Bruna Biene. **Analysis of the influence of the media in the behavior of *bullying* victims.** 2013. 24 f. Course Conclusion Assignment (Graduation in Pedagogy) – State University of Maringá, 2013.

ABSTRACT

This research proposes an understanding of the influence media has on the society's behavior according to the valuation of ideologies and behaviors, specifically with regard to scenes of violence submitted in their programming. In this context, the emphasis of our work is on the behavior of *bullying* victims in the media may have a source of ideas, stimulus, ways to seek revenge or relief for their suffering and / or be recognized as a hero for the other *bullying* victims. These discussions will be presented from bibliographic studies and qualitative questions that makes wonder ourselves what actually happens: is art imitating life or life imitating art? There isn't only one way to define the truth, one way or another to act in front of life, but we know that some people lonely, bullied, found the solution to their problems in tragic scenes published, emphasized and valued by the media, the increase in the search for audience.

Keyword: Media. Bullying. Behavior.

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem como objetivo geral analisar a influência da mídia no comportamento dos indivíduos que sofrem *bullying*. Esta temática chamou nossa atenção durante o curso de pedagogia que, apresentada em seminários, congressos e debates promovidos em sala de aula, se apresentou como um problema presente nas instituições escolares e que prejudica o desenvolvimento da aprendizagem do aluno, visto que este estará envolvido com ataques ou preocupações em ser atacado quando deveria estar concentrado nas disciplinas curriculares e nas relações de respeito, as quais deveriam ser o foco das relações interpessoais. No decorrer de nossas reflexões sobre o problema nas escolas, percebemos que muito se fala na mídia sobre o comportamento, há vídeos, filmes, músicas e propagandas voltadas para discussões sobre o tema. O que nos chamou a atenção foi à aproximação entre as tragédias ocorridas nas escolas envolvendo *bullying* e vídeos postados na internet ou jogos de videogame que estavam em posse das vítimas e que levanta discussões entre a influência ou não destes tipos de imagens na decisão de revidar ou se vingar dos ataques sofridos.

A discussão é ampla e não terá um fim em si mesmo, pois tudo será sempre hipóteses na medida em que os envolvidos diretamente não podem dar mais seu testemunho. Neste contexto, tencionamos contribuir com estas discussões e levantar possibilidades que ajudem a compreender o comportamento da vítima e se há ou não influência da mídia sobre o comportamento no sentido de se decidir por vingança.

Para que essa complexa teia de possibilidades possa ser discutida, há a necessidade de serem abordados os estudos sobre a mídia, destacando seus objetivos e interesses, sua produção de culturas e comportamentos. Num segundo momento apresentaremos o conceito do *bullying* e suas consequências para com a vítima na tentativa de entender como esse fenômeno ocorre e se infiltra nas escolas. Em seguida analisaremos dois casos de vítimas de *bullying* questionando a participação da influência dos meios midiáticos no comportamento adotado.

A pesquisa foi construída por meio de levantamento bibliográfico que diz respeito à concepção de mídia e do *bullying*, os dados foram retirados de livros, teses de doutoramento, artigos e reportagens.

Ao final das análises, o material teórico poderá ser publicado e consultado por profissionais e alunos da área da educação que tenham interesse em ampliar suas análises e conhecimentos sobre o tema abordado, ampliando as condições de intervenção a este problema que afeta alunos e professores numa rede de violência que se instala nas escolas.

O PODER MIDIÁTICO

Os autores Kellner e Share (2008) afirmam que, com o avanço dos meios tecnológicos e os meios de comunicação, a escola tem se deparado com a função de intermediar o conhecimento utilizando-se da mídia como instrumento pedagógico. A partir das décadas de 1940 a 1970, observa-se um grande avanço nas tecnologias de comunicação, como o telefone, a televisão, o rádio e o cinema. Todos esses acontecimentos marcaram o campo educacional, tornando-a refém de uma grande variedade de informações das quais não conseguiu acompanhar, deixando vago o campo da formação de opiniões. Sendo assim, a escola deixou de ser o espaço de formação autônoma de atitudes, opiniões e desenvolvimento de conhecimentos científicos e passa a ocupar um lugar secundário na educação. Desta forma, a mídia tem sido a principal formadora de cultura e, com a defasagem do campo escolar, mantém um monopólio de manipulação e alienação (KELLNER e SHARE, 2008).

Segundo Moreira (2003) o mundo midiático, mesmo que não tenha totalmente esse objetivo, acaba difundindo e elaborando certos sentidos para a vida, influenciando assim cada vez mais seu cotidiano, sua linguagem, sua visão de mundo, visão essa que antigamente foi transmitida por seus familiares, pela escola, pela religião, pelas filosofias, mas que hoje estão sobre o poder dos agentes midiáticos, como as novelas, os BBBs (Big Brother Brasil) da vida televisiva.

Moreira (2003) ressalta que a mídia visa dois tipos de interesses: o do lucro e do poder. As principais mensagens vinculadas às mídias, de qualquer produto, estão marcadas por características como as mensagens de poder, beleza e bens materiais, e produtos sempre são moldados para criar uma posição afirmativa; o pensamento crítico das mensagens até existem, mas tem poucas chances de atingir um grande público; as músicas, filmes, propagandas são criadas como mercadorias

para gerar lucro; mesmo as mensagens das maiores tragédias visam sempre uma maior audiência que deve ser alimentada para gerar cada vez mais audiência e, por consequência, o lucro.

Ainda de acordo com Moreira (2003) o primeiro contato que o indivíduo tem com a educação é a formação da sua moralidade que vem da família, escola e religião, porém dentre elas existe também o poder da mídia, e como os adultos estão influenciados pela cultura midiática, logo as crianças serão também. Ressalta o autor que, antes mesmo das crianças entrarem na escola e serem alfabetizadas, já entram alfabetizadas pelo que a mídia emprega, pelas marcas. Antes mesmo de aprenderem a falar, a ler, a escrever, começam a entender e a ler o mundo do consumo através dos seus símbolos midiáticos.

Kellner e Share (2008), em seus estudos sobre a mídia, ressaltam que a manipulação da mídia existe em todos os meios sociais, eles defendem que é necessário que se faça uma análise sobre a influência dos meios tecnológicos sobre os indivíduos. Os autores falam sobre a importância de uma educação para a leitura crítica da mídia, pois as pessoas estão sendo educadas, formadas, moldadas pela televisão, comerciais, jogos de videogame, computadores, músicas, etc..

Postman (1999) também afirma que a mídia exerce influência sobre a criança, deixando-o cada vez mais adultizada, influenciando seus traços culturais, sua linguagem, escolarização. Em outras palavras o autor diz que a mídia interfere na aprendizagem e no desenvolvimento das crianças, determinando traços culturais massificantes.

Conforme mencionado pelos autores citados até o momento, na sociedade a influência da mídia ocorre cada vez mais e de maneira constante, e para todo o tipo de público. O nosso ponto de partida será compreender como isso acontece quando o assunto se trata sobre mídia frente ao comportamento *bullie*.

Acreditamos que, se a mídia tem poder de produzir culturas, conforme análises feitas, o comportamento agressivo pode fazer parte desta construção, pois crianças não inventam comportamentos, elas os imitam e os personaliza.

De acordo com Pereira (2008) a mídia tem influência integral na formação de comportamentos da criança e do adolescente e isso ocorre através de três meios: da educação, entretenimento e da informação, e alcança os três níveis de formação do indivíduo, que são: o intelectual, o moral e os sentimentos. Isso faz com que crianças e adolescentes imitem comportamentos de adultos e comportamentos

agressivos, devido à observação que os mesmos fazem mediante a exibição da mídia que não poupa a programação das violências e nem as censuram.

Belloni (2004) aponta uma pesquisa mundial realizada pela UNESCO entre os anos de 1999 a 2002, que evidencia que praticamente todo o tipo de população do planeta possui acesso universal a televisão, uso generalizado do videogame, acesso desigual ao uso do computador desfavorecendo a população mais pobre, e grande parte do dia sendo gasto com os diversos tipos de mídias.

Pereira (2008) descreve estudos que revelam que os jogos também são grandes influenciadores do comportamento agressivo, uma vez que cresce as formas tecnológicas, cresce também a violência transmitida por meio de jogos, como por exemplo, o videogame que é produzido com base nos filmes violentos de sucesso, que tem por objetivo a exterminação do adversário, lutas, e batalhas sangrentas. Outro exemplo são os desenhos infantis, que mesmo destinados para as crianças, apresentam cenas de violência e agressividade, como os desenhos *“Tartarugas Ninjas”* e *“Power Rangers”*.

Como já foi dito por Pereira (2008), a principal consequência que a mídia traz, por apresentar programas violentos, é o comportamento agressivo, pois, crianças e adolescentes se sentem estimulados para imitar esses comportamentos, pois a observação e a imitação são as principais formas de aprendizagem da criança pequena. Para complementar essa afirmação, a autora Gomide (2002) também ressalta que a aprendizagem acontece através de dois estágios, sendo eles o da imitação e da identificação, pois a criança e o adolescente tende, em um primeiro momento, a imitar o que possui de referência e, em um segundo momento, apresentar necessidades maiores, como a busca de uma identificação na construção de sua personalidade.

A maioria das crianças e adolescentes tende a incorporar seu personagem heroico favorito e imitar suas ações, como o uso da força física para vencer os adversários. Não há, no mundo dos heróis, algum que tenha ganhado uma batalha na base do diálogo. A paz é sempre conquistada por meio de muitas explosões, violências, sofrimentos e mortes.

Pois sejam bons ou maus, heróis ou bandidos, desenho animado, ficção científica ou personagens reais, tudo e todos mostram que a violência é a forma mais rápida, mais eficiente e sem consequência para resolver os problemas e alcançar objetivos. (GOMIDE, 2002, p.7).

Segundo Gomide (2000), os filmes são grandes aliados da sociedade, podem ajudar no ensino escolar, na educação familiar, no trabalho com a delinquência; porém é preciso ter maior atenção, pois os filmes também podem trazer exemplos inapropriados, como é o caso da agressão.

Para analisar esta situação, Gomide (2000) realizou um experimento com dois grupos de crianças de oito a onze anos de idade, dos sexos feminino e masculino. Os dois grupos deveriam jogar uma partida de futebol, na primeira parte eles jogariam sem assistir a nenhum filme. Na segunda fase os dois grupos jogariam a sequência da partida de futebol depois de um grupo assistir filmes não violentos, como o filme "*Babe, um porquinho atrapalhado*", e o outro grupo assistir filmes violentos, como "*Mortal Kombat*" e "*Águas Perigosas*". Durante a partida de 30 minutos, as crianças foram observadas uma a uma. Os resultados entre os dois grupos foram nitidamente opostos, segundo Gomide (2000), na partida inicial de futebol não foi observado nenhum comportamento agressivo. Na sequência, o grupo que assistira aos filmes violentos antes de retornar para a partida de futebol apresentou condutas como: xingamentos, empurrões, cotoveladas, puxões de camisa, agarrar, entre outros. Já o outro grupo que assistiu ao filme não violento, apresentou condutas menos violentas, ou seja, o comportamento foi semelhante ao da primeira observação feita, diferente do grupo que assistiu aos filmes violentos e apresentaram comportamentos visivelmente mais agressivos se comparados à partida jogada sem assistir a nenhum filme.

Esta pesquisa realizada por Gomide (2000) levanta a possibilidade de os comportamentos agressivos terem sido estimulados pelas cenas agressivas presenciadas no filme. Mesmo que possa haver outras variáveis, que podem ter influenciado os comportamentos dos alunos, a ausência dos comportamentos agressivos antes e a presença dos comportamentos agressivos depois da exposição à cenas de violências do filme, abre uma possibilidade de influência de mudança de comportamento a partir dos comportamentos observados no filme.

De acordo com uma pesquisa realizada pela "Associação Norte- Americana de Psicologia" em 1993, a violência na mídia é responsável pelo aumento da violência na sociedade, no que diz respeito a condutas que atinge a integridade do seu próximo e até mesmo fazendo com que o próprio sujeito se sinta vitimado e perseguido em algumas situações de agressividade (NJAINÉ e MINAYO,2004).

Njaine e Minayo (2004) apontam que o convívio com a violência em crianças pequenas acarreta comportamentos agressivos futuros, e que isso mais tarde pode levar a agressão contra as mulheres ou grupos minorizados como os homossexuais, negros, deficientes, entre outros. As autoras afirmam que os efeitos da exposição excessiva à violência presente na mídia, podem trazer malefícios para a saúde, tais como: aumento do comportamento violento, insônia, perda no desenvolvimento escolar, uso exagerado de álcool e tabaco, vontade excessiva de ferir e insultar em jogos, obesidade, diminuição da comunicação com a família, aumento da falta de atenção, atitudes consumistas entre outros.

Uma das consequências por estar exposto a violência por um longo período é a falta de sensibilização para com o próximo, segundo Njaine e Minayo (2004). Além da falta de sensibilidade, há também outro sentimento presente na vida desses indivíduos, que é o medo. Esse sentimento de medo acontece devido ao receio dos indivíduos em serem vítimas da violência na vida real, e estes apresentam condutas auto protetoras e se relacionam com as outras pessoas com certo grau de desconfiança.

Segundo uma pesquisa de Merlo-Flores (1999, *apud* NJAINE E MINAYO 2004), envolvendo duas mil crianças argentinas, foi constatada que as crianças se relacionam entre si utilizando conhecimentos que adquiriram por meio da observação de cenas da televisão. Um dos comportamentos imitados foi a agressão que está sendo utilizado como “código de comunicação” (MERLO-FLORES, 1999, *apud* NJAINE e MINAYO 2004, p.206),

Para Gomide (2000) os filmes, novelas, desenhos, entre outros, são considerados fatores de “alto risco”, pois os elementos de agressão estão presentes em quase todas as cenas e nelas o agressor sempre é atraente; a violência muitas vezes fica sem punição, crítica ou penalidade, as consequências são mínimas para a vítima; e a violência parece sempre justificada.

A arte imita a vida ou a vida imita a arte?

É uma questão a ser respondida pela história, sociologia, filosofia e psicologia e, ainda assim, não se chegar a um consenso. É uma questão histórica, que deve ser pensada dentro da cultura de um povo, das raízes históricas dos preconceitos, do uso da violência, da individualidade e falta de empatia. O que temos de certeza até o momento, conforme as falas dos autores pesquisados, é que há uma propagação da violência como meio de resolver os problemas. Da mesma forma que

a mídia reproduz a violência da sociedade ela também pode estar aumentando a reprodução deste comportamento visto que seu alcance é ilimitado.

Nesta discussão encaixa-se o comportamento *bullying*. Sua prática tem sido percebida em programas ditos de “humor” com acesso livre às crianças e adolescentes em todos os meios de comunicação. Da mesma forma, a revolta, retaliação ou vingança dos que foram vítimas também podem ser vistos pelas crianças. O que não se sabe ou não se tem controle é a reação de cada um frente a estas imagens. Por este motivo, devemos analisar o *bullying*, verificar suas características a fim de identificá-lo, tanto na mídia como na vida real.

O BULLYING

Fante (2005) explica que a violência pode ser definida como comportamentos agressivos e antissociais que podem apresentar-se de várias formas como agressões físicas, insultos, palavrões; e dentre os vários tipos de agressões se destaca o *bullying*, que engloba todas as violências citadas juntamente com apelidos de mau gosto, gozações, intimidações e tudo aquilo que reprimi e traz constrangimentos, sendo este uma forma de violência cruel, intencional e de perseguição. O *bullying* escolar é um termo utilizado na literatura psicológica anglo-saxônica, que define os comportamentos agressivos em estudos da problemática violência escolar. De acordo com Fante (2010) o *bullying* é um tipo de violência que ocorre com maior frequência no ambiente escolar devido à relação próxima entre os pares; tem como principais características o desnível de poder e a repetição de agressividade contra um mesmo indivíduo, sem a necessidade de um motivo que justifique tais agressões, fazendo com que a vítima se sinta constrangida, humilhada, menosprezada, inferiorizada e ridicularizada, numa situação de desigualdade de poder entre vítima e agressor.

Os estudos sobre *bullying*, de acordo com Fante (2010) são muito recentes, foi em 1970 na Suécia que começou o maior interesse por parte da sociedade em estudar essa problemática. Os estudos aumentaram quando, em 1982, na Noruega, três crianças de 10 a 14 anos se suicidaram por motivos de maus-tratos sofridos repetidamente provocados por companheiros da escola. A partir disso se intensificou

os estudos relacionados a essa violência que se espalhou por outros países. Cabe ressaltar que no Brasil os estudos relacionados ao *bullying* começaram a aparecer no final dos anos de 1990 e início de 2000.

Segundo Lopes (2005), o indivíduo pode ser identificado como alvo do *bullying* quando é exposto de forma repetitiva às agressões por um indivíduo ou um grupo de pessoas, essas agressões além de causar danos, fere e incomoda a vítima, fazendo com que ela fique retraída, com medo e vergonha. Podendo passar a acreditar que merece os maus-tratos e ter sua autoestima diminuída.

Fante (2005) aponta que as vítimas podem apresentar comportamentos diferentes uma das outras, sendo caracterizadas em: vítima típica, vítima provocadora e vítima agressora. A vítima típica é caracterizada por sua timidez, sensibilidade, fragilidade, autoestima baixa, depressão, medo de sofrer violências, e não apresenta comportamento agressivo. Vítima provocadora é aquela que faz provocações mais não tem condições de levá-las adiante, quando sofre alguma violência tende a brigar também, mas não consegue resolver o conflito, geralmente ela é inquieta e ofensora. A vítima agressora transmite toda a agressão que sofre em outra pessoa, fazendo assim uma nova vítima.

O grande problema para detectar o *bullying*, afirma Lopes (2005), é a intimidação por parte da vítima, sendo muito difícil que ela venha revelar que vem sofrendo esses tipos de agressões, isso ocorre devido à vergonha, o medo de receber críticas, medo que a situação piore, e também por acreditar que ninguém poderá ajudá-la.

De acordo com Lopes (2005), o agressor de *bullying* se caracteriza por ser o popular no ambiente que convive, apresenta comportamentos antissociais e acha que isso é uma qualidade, é impulsivo, vai mal nos estudos, normalmente é mais forte que a vítima, sente prazer em dominar e causar sofrimento ao outro, e não vê as punições como algo que possa conter seu comportamento, ele desafia a autoridade.

Lopes (2005) afirma que existem também as testemunhas do *bullying*, mas é muito difícil que se manifestem por medo de se tornarem as próximas vítimas da violência. Isso faz com que os agressores se sintam ainda mais fortes pela intimidação de todos. As testemunhas do *bullying* sentem pena e simpatia pelas vítimas e não os culpa pelo ocorrido, pois condenam a ação do agressor. Porém, de

acordo com Fante (2005), as testemunhas tendem a se afastar das vítimas por medo e, devido a isso, acabam excluindo-as ainda mais.

CONSEQUÊNCIAS NO COMPORTAMENTO DA VÍTIMA DE *BULLYING*

As características que uma vítima de *bullying* pode apresentar variam de acordo com a vivência individual de cada um. Alguns indivíduos até conseguem superar o trauma tendo um bom acompanhamento familiar, ou dedicando-se inteiramente aos estudos ou ao esporte, ou pedindo por ajuda. Porém há aquelas pessoas que desenvolvem alguns problemas, como a depressão, problemas no sistema nervoso, fobias, e a possibilidade de se envolverem em maiores conflitos. Se a intensidade do sofrimento da vítima for muito grande, ela pode desenvolver problemas intrapsíquicos, acarretando em doenças psicossomáticas, bloqueio no pensamento e no raciocínio, anseio por vinganças e suicídios (FANTE, 2005).

Lopes (2005) enfatiza que os alvos do *bullying* estão sujeitos às consequências de curto ou longo prazo, com grande chance de desencadear doenças mentais, hiperatividade, desordem de conduta e agressividade. Além disso, pessoas que sofrem *bullying* quando crianças tem mais tendência a sofrerem depressão e terem baixa autoestima quando adultos.

De acordo com Houzel (2006) um dos fatores que leva o indivíduo a ter um comportamento violento, são os maus tratos, pois este é capaz de modificar a forma com que o cérebro reage às ameaças. Estresses, maus-tratos, violência física e moral, falta de carinho, deixam marcas no indivíduo e fazem com que o sistema cerebral sofra mudanças, comprometendo assim o bom funcionamento do cérebro, favorecendo os atos de violência sem medida, sem se pensar nas consequências.

Segundo pesquisa realizada por Fante (2005), uma das consequências no comportamento que a vítima pode apresentar é se tornar uma vítima agressora e tentam acabar com o sofrimento cometendo crimes, mais especificamente dentro das escolas, matando várias pessoas e depois tentam o suicídio.

Situações como essas podem terminar em grandes tragédias tendo as escolas como palco. Para entendermos mais sobre esta questão, relataremos dois casos de *bullying* que terminaram em tragédias provocadas pelas vítimas que, num

momento de explosão, demonstraram toda a sua dor e sofrimento, causando dores e sofrimentos ainda maiores em outras pessoas.

BULLYING: TRAGÉDIA ANUNCIADA

O primeiro caso que relatamos, é o reportado por Vieira, Mendes e Guimarães (2009), e diz respeito à tragédia que ocorreu em Virginia nos Estados Unidos no dia 19 abril de 2007, onde o jovem Cho Seung-Hui de 23 anos, matou 32 pessoas entre estudantes e professores dentro da Universidade em que estudava e, logo após cometer o crime, se suicidou. De acordo com os autores, o jovem sofria *bullying* quando criança e era humilhado por ter dificuldades de falar o inglês fluentemente, por sua timidez e por ser considerado de uma classe média baixa. Alguns relatos feitos pelos ex-colegas de Cho revelam sua personalidade tímida e que algumas pessoas eram cruéis com ele, fazendo-o passar por constrangimentos, colocando apelidos e o expondo-o a humilhações.

De acordo com Vieira, Mendes e Guimarães (2009), Cho Seung-Hui deixou fotografias em que imita cenas violentas do filme “Oldboy” do diretor Chan-wook Park. Este filme tem por fundamento retratar a vingança, o que, segundo Vieira, Mendes e Guimarães (2009), pode ter influenciado Cho a fantasiar a vingança e o heroísmo. Além disso, Cho tinha muito interesse pela mídia violenta como, filmes sangrentos, jogos de lutas, livros e outros.

Vieira, Mendes e Guimarães (2009) mencionam outro fator que pode ter influenciado o comportamento de Cho: o jovem deixou um vídeo gravado onde confessa a vontade de vingança, e revela ter se inspirado no crime que aconteceu em Columbine. O crime ocorrido na escola Columbine, nos Estados Unidos, foi provocado por dois jovens de 16 e 17 anos que entraram na instituição e mataram 15 pessoas, cometendo o suicídio logo depois. Segundo investigações, os jovens sofriam *bullying* e estavam em busca de vingança. Outro fato ligado a esta tragédia é a data, Cho cometeu os assassinatos na véspera do oitavo aniversário da tragédia de Columbine.

Ainda de acordo com os relatos de Vieira, Mendes e Guimarães (2009), Cho Seung-Hui disponibilizou para uma rede de televisão norte-americana, vídeos e

fotografias, incentivando e convocando todos os “fracos”, isto é, pessoas que assim como ele foram vítimas de *bullying*, a tomarem atitudes semelhantes à dele, a fim de que possam acabar com seus sofrimentos e se tornarem pessoas fortes.

Independente da motivação de Cho, o que para ele será uma vingança, para a Lei é crime, ele tirou a vida de pessoas inocentes como compensação de seu sofrimento. Neste contexto, segundo Ribeiro (2012), imagens de crimes como estas podem acabar provocando um fascínio nas mentes frágeis e a valoração do criminoso como um herói, alguém a ser cultuado.

O que se conclui é que, conforme o visto, inúmeras são as razões pelas quais a criminalidade exerce atração em tantas pessoas. Movidas por este sentimento, elas escrevem canções, fazem manifestos, expressam-se por meio da Internet, picham muros e cultuam imagens de “heróis do crime”. Justamente aí reside o perigo: o que aparentemente constitui mero exercício do direito de liberdade de expressão pode acabar se tornando perigosa influência às mentes frágeis e influenciáveis de indivíduos, geralmente jovens, que se encontram em situações propícias ao desenvolvimento destas ideias.(RIBEIRO, 2012, p. 8)

Assim pode ter acontecido com Wellington Menezes de Oliveira. Morador da cidade de Realengo – RJ, Wellington estudou e sofreu *bullying* na Escola Municipal Tasso da Silveira e aos 23 anos, no dia 7 de abril do ano de 2011, entra na antiga escola e atira contra várias pessoas matando 12 delas e suicidando-se em seguida (SANTANA 2012).

De acordo com a análise feita por Santana (2012) o alvo do atirador era principalmente as meninas, consideradas bonitas. Wellington tirou a vida de 10 meninas com fisionomias muito parecidas. Isso se justifica pelo fato do rapaz ter sido muito humilhado quando estudava na escola pelas meninas, que davam “mole” para o mesmo e depois zombavam dele.

Santana (2012) afirma que o atirador era uma típica vítima de *bullying*, pois não andava de acordo com os padrões estipulados, era muito magro, tinha orelhas grandes, usava óculos, tinha os dentes separados, possuía uma deficiência em uma das pernas, e era muito fechado e não se defendia das agressões sofridas. A autora relata ainda que ex-colegas do rapaz alegaram que ele era alvo de humilhações e piadas dentro da sala de aula, e que certa vez o colocaram de cabeça para baixo dentro da privada e deram descarga; Wellington era chamado de

Sherman (personagem nerd do filme American Pie) e tinha também o apelido de “suingue” por andar como se estivesse dançando em consequência de sua deficiência.

Wellington, assim como Cho, também gravou vídeos onde relatava que estava tomando uma atitude em defesa dos fracos, chamando-os de irmãos, afirmando que estaria se vingando por todos os incapazes de se defender e dizia ainda que “*se tivessem descruzado os braços antes e feito algo sério no combate a esse tipo de prática, provavelmente eu estaria vivo; todos os que matei estariam vivos*”.(SANTANA, 2012, s.p.)

Segundo Lopes (2012), foi encontrado em sua casa inúmeros jogos de violência e filmes de terror e, segundo sua vizinha, Wellington vibrava com as cenas de morte. Ainda de acordo com Lopes (2012), a tragédia que aconteceu em Realengo foi comparada com o caso que ocorreu em Columbine, isso se justifica pela semelhança de como aconteceram os crimes, a quantidade de mortos e também pelas discussões propostas nos dois casos, o de que a mídia havia influenciado os comportamentos dos atiradores.

Rodrigues (2012) aponta que: “A mídia explorou com paixão todos os ângulos da tragédia, atribuindo ao autor as piores qualificações e o governador do Estado do Rio de Janeiro rotulou-o de psicopata e animal, diante das câmeras de TV.” (RODRIGUES, 2012, p. 19).

Braga (2011) relata que a mídia caracterizou Wellington como um *Serial Killer*. Segundo a definição do autor para ser considerado *Serial killer* é necessário que o assassino tenha matado duas ou mais pessoas em certo intervalo de tempo entre um assassinato e outro, neles o criminoso sempre deixa sua marca registrada e o estímulo interno do assassino nem sempre é a vingança, mas pode ser um prazer sádico em matar. No caso analisado até então isso não aconteceu, não havia sadismo nas ações de Wellington, mas muito ódio, o desejo de vingança e uma maneira de aliviar seu sofrimento.

Evidentemente, um crime como esse não pode ser justificado somente por essa vertente da mídia influenciadora, mas de acordo com Gomide (2002) a violência da mídia é uma das principais formas de influência da violência na vida real, por ser um fator que ajuda também a moldar normas culturais, fazendo com que a atitude violenta passe a ser vista como algo justificável.

Se a violência é interpretada como “justificável” pela criança, ela introjeta este comportamento como correto, a ponto de imitá-lo em situação futura similar. Os filmes com herói, onde a violência é “politicamente correta” sempre exalta as conquistas do protagonista atribuindo-a a sua coragem, ligada à violência cometida. Na medida em que a violência é vista como uma solução necessária e aceitável para os problemas complexos ela é fortemente reforçada. (GOMIDE, 2002, *apud* DOMINICK & GREENBERG, 1972, p. 4)

Segundo essa visão, fica claro que a violência tem sido requisito primeiro na solução dos problemas. Os indivíduos formados com a concepção de que a violência é a maneira mais eficaz de resolver os problemas, acabam utilizando-se dela em seu dia-a-dia como algo natural. E a partir desse momento, pela qual as pessoas fazem dela uma “ferramenta” natural, a mídia também aproveita para reforçá-la a fim de obter audiência e lucro. Portanto, voltamos à questão: A arte imita a vida ou a vida imita a arte?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com as limitações desse trabalho, buscamos expor fatores que evidenciam como a mídia acaba retirando o senso crítico das pessoas e a autonomia de suas atitudes, fazendo assim com que floresça nos indivíduos, cada vez mais, a formação de uma nova cultura, cultura essa que vem sendo estipulada pelo mundo midiático de acordo com seus interesses de poder e de lucro, o que acaba comprometendo o modo de pensar, a linguagem, o comportamento, dos indivíduos. Contudo buscamos também mostrar alguns casos pela quais vítimas de *bullying* tiveram seus comportamentos comprometidos pelo sofrimento e com a ajuda da mídia agravaram seu comportamento agressivo e obtiveram possíveis influências para cometer tragédias a fim de acabar com o sofrimento.

A partir das análises feitas, podemos pressupor que as ações cometidas pelas vítimas, citadas nas análises, foram influenciadas pelas imagens expostas na mídia e visualizadas por elas, de ações passadas adotadas por pessoas que estavam a sofrer *bullying* e que escolheram a forma mais cruel de se vingar. A vingança não foi feita diretamente sobre os que provocaram o sofrimento das

vítimas, mas de forma indireta, os autores dos crimes tentaram matar a imagem daquela que não fez nada para ajudá-los: a escola.

De certa forma, os atiradores tentaram matar a sociedade que não os amparou e, identificados uns com o sofrimento dos outros, se fortaleceram na busca de serem reconhecidos não como fracos, mas como heróis.

É preciso deixar claro, que não temos a intenção de isentar a culpa dos atiradores, ou então justificar os atos cometidos como sendo a mídia a única responsável pelo acontecido. Sabemos das múltiplas possibilidades de variáveis que podem estar presentes em situações tão complexas como estas. Neste sentido, o objetivo é compreender uma, das muitas possíveis explicações para o que aconteceu.

Tratamos especificamente das consequências para a vítima do *bullying*, que, por não terem sido capazes de superar o trauma psicológico que sofreram, buscaram, na mídia, as informações que não conseguiram em outro lugar, a de como resolver o problema da vitimação. Encontraram neste ambiente, um campo fértil de ideias para resolverem seus problemas e ainda poderem comover a sociedade e incentivar pessoas que sofreram e sofrem, a tomarem atitudes parecidas.

Um tema complexo como este, carece de inúmeras análises, pesquisas, retomadas de discussões. Há a necessidade de mais compreensão das consequências que a mídia e o *bullying* podem acarretar na vida de um indivíduo e de toda uma sociedade. Também são importantes novas pesquisas para que profissionais da área de educação e até mesmo os pais, possam intervir e estar mais bem preparados para evitar tais tragédias.

REFERÊNCIAS

BELLONI, Maria Luiza. Infância, máquinas e violência. **Educação e Sociedade**. Vol.25, n. 87. Campinas, Mai/Agost. 2004.

BRAGA, Ubiracy de Souza. Serial Killers brasileiros: origem e significado da tragoidia. **Revista Espaço Acadêmico**. Ano XI, 2011. Disponível em:

<<http://espacoacademico.wordpress.com/2011/04/13/serial-killers-brasileiros-origem-e-significado-da-tragoidia/>>. Acesso em: 19 set. 2013.

FANTE, Cléo. Bullying no ambiente escolar. **Revista Jurídica Consulex**. Ano XIV, 2010. Disponível em: <<http://inov.org.br/site/artigos/9.pdf>>. Acesso em: 19 set. 2013.

_____. **Fenômeno Bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz**. Verus editora. Campinas, 2005.

GOMIDE, Paula Inez Cunha. A Influência de Filmes Violentos em Comportamento Agressivo de Crianças e Adolescentes. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, vol.13, n.1, 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-79722000000100014&script=sci_arttext>. Acesso em: 19 set. 2013.

_____. **Crianças e adolescentes em frente à TV: o que e quanto assistem de televisão**. Curitiba, v. 19, n.30, p. 1-24, 2002. Disponível em: <http://www.nre.seed.pr.gov.br/pontagrossa/arquivos/File/Equipe%20de%20Ensino/CGE/INFLUENCIA_DA_TV.pdf> Acesso em: 15 jun. 2013.

HOUZEL, Herculano Suzana. Cérebro e Violência. Neurociência. **Revista Folha de São Paulo**. São Paulo, jul. 2006. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/equilibrio/eq0607200608.htm>>. Acesso em: 19 set, 2013.

KELLNER, Douglas; SHARE, Jeff. Educação para a leitura crítica da mídia, democracia radical e a reconstrução da educação. **Educação e Sociedade**. Vol. 29, n. 104. Edição Especial, p. 687-715, Campinas, out. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v29n104/a0429104.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2013.

LOPES, Anchyses Jobim. Considerações sobre o massacre de Realengo. **Estudos de Psicanálise**. n. 37. Belo Horizonte-MG, Julho/2012. p. 25–44 Disponível em: <<http://www.cbp-rj.org.br/realengo37d.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2013.

LOPES, Neto Aramis Antônio. Bullying – comportamento agressivo entre estudantes. **Jornal de Pediatria**. Vol. 81, n. 5. Rio de Janeiro. 2005. p. 164-172. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/jped/v81n5s0/v81n5Sa06.pdf>>. Acesso em: 3 set. 2013.

MOREIRA, Alberto da Silva. Cultura midiática e educação infantil. **Educação e Sociedade**. Vol. 24, n. 85. Campinas, dez. 2003. p. 1203-1235. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v24n85/a06v2485.pdf>>. Acesso em: 1 set. 2013.

NJAINE, Kathie; MINAYO, Maria Cecília de Souza. A violência na mídia como tema da área da saúde pública: revisão da literatura. **Ciência & Saúde Coletiva**. Rio de Janeiro, 2004. p. 201. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-81232004000100020&script=sci_arttext>. Acesso em: 2 ago. 2013

PEREIRA, Antônio, Jorge, Jr. **Impacto da violência midiática na formação da criança e do adolescente**. 2008, s.p. Disponível em <http://www.univforum.org/pdf/xzimpacto_dapt.pdf>. Acesso em: 27 jun 2013.

POSTMAN, Neil. **O desaparecimento da infância**. Rio de Janeiro: Graphia, 1999.

RIBEIRO, Ana Claro Alves. Atacando na raiz: os crimes de incitação e apologia ao crime. **Revista Cereus**. 2012. p. 1-12

RODRIGUES, Gilda de Castro. O bullying nas escolas e o horror a massacres pontuais. **Revista ponto-e-vírgula**. 2012, p. 10-21. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/ponto-e-virgula/n11/artigos/pdf/pv11-02-rodrigues.pdf>>. Acesso em: 3 jun. 2013.

SANTANA, Agatha, Gonçalves. **A necessidade do Direito de repensar o Bullying entre a criminalização e medidas de responsabilidade**: Uma reflexão do caso Realengo. 2012. Disponível em <<http://www.egov.ufsc.br/portal/conteudo/necessidade-do-direito-de-repensar-o-bullying-entre-criminaliza%C3%A7%C3%A3o-e-medidas-de-responsabil>> Acesso em 20agost. 2013

VIEIRA, Timoteo, Madaleno; MENDES, Francisco, Dyonísio, Cardoso, GUIMARÃES, Leonardo, Conceição. De Columbine à Virgínia Tech: Reflexões com Base Empírica sobre um Fenômeno em Expansão. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 22(3), p. 493-501.